Venda de olhos

Graciela Bessa

Em um de seus últimos seminários, Lacan define a psicanálise dizendo que "talvez seja uma escroqueria",[1] mas nos adverte que é uma escroqueria do significante, do fato de um S_1 prometer um S_2 e com isso prometer um efeito de sentido. É mais radical ainda ao dizer que S_2 não é outro significante mas o próprio S_1 na sua equivocidade, no seu mal-entendido. Esse deslizamento de significantes unários implica que, no nível do discurso, isto é, no nível mental, o automatismo seja normal e é de surpreender o fato de que existam sujeitos que conseguem fazer suplência a isso. Com esta formulação, não seria abusivo pensar que o simbólico é quem cria essa escroqueria na medida em que um significante, ao prometer se articular a outro significante, cria a ilusão de que houve efeito de sentido. A neurose é padecer dessa escroqueria, uma vez que se tenta apreender os significantes d'alíngua numa construção de sentido.

Por ser o ouvido o único orifício do corpo que não se fecha, as palavras ouvidas do discurso familiar são impostas, constituindo isso que se chama de mental, isto é, o discurso. É o que fica esquecido atrás do que se ouve,[2] são as enunciações dos enunciados, a homofonia significante, o duplo sentido, esses detritos de linguagem que se depositam como aluvião que constituem o inconsciente. O inconsciente, portanto, é constituído por esses efeitos de significantes, demonstrando, assim, que não há desenvolvimento mental. Somos, ao contrário, confrontados a determinadas conjunturas de desencadeamento subjetivo que nos convocam a responder com um novo arranjo significante.

Irei destacar dois momentos de desencadeamento subjetivo, um deles diz respeito à escolha da profissão e o outro exemplifica o engodo desse sujeito que, por uma contingência, ao se assujeitar ao enunciado do Outro, sela um destino fixando um modo de gozar.

Desencadeamento da vocação profissional

Está na literatura psicológica que as aptidões aparecem na idade infantil. Freud em momento algum discorda disso. Podemos utilizar Hans como exemplo. Nos relatórios do pai de Hans ao professor Freud, podemos identificar, claramente, a presença de um modo particular de satisfação, a satisfação da pulsão de ver, pulsão escópica. Há várias passagens indicativas disso no caso, entre as quais vou privilegiar apenas uma, a título de exemplo.

Hans relata ao pai uma fantasia de que havia levado seus filhos ao banheiro, primeiro ele se dar a ver aos filhos, fazendo cocô e xixi e, em seguida, os vê fazendo a mesma coisa. Anos mais tarde Hans escolhe a profissão de cenógrafo. Podemos deduzir que a pulsão de ver, que era o modo de satisfação privilegiado de Hans, quando criança, se reveste com uma nova forma de satisfação, sofre uma vicissitude, que é a de ser cenógrafo. Ser cenógrafo passa a ser sua forma privilegiada de satisfação.

Numa intervenção que faz no *Seminário Lógica da fantasia,*[3] a convite de Lacan, Jakobson levanta a questão da vocação a propósito do tipo mental do

lingüista. Diz que todo lingüista guarda uma atitude infantil para com a língua, ou seja, se interessa pela língua da mesma forma que uma língua interessa a uma criança. Todas as crianças, por exemplo, sabem desenhar e pintar, mas à medida que vão crescendo vão perdendo essa capacidade, e aqueles que se tornam pintores guardam uma certa aquisição infantil, um certo traço infantil.

Gostaríamos de parafrasear Jakobson levantando a questão do tipo mental do psicanalista. Na minha opinião, interessava a Lacan saber, através do dispositivo do passe, o que faria com que alguém, depois de ter reduzido seu analista, na transferência, ao objeto e tê-lo feito cair como dejeto, almejasse se colocar nessa mesma posição.

Do ponto de vista de Freud, um psicanalista deveria guardar uma atitude infantil, uma certa curiosidade em relação ao ouvir, algum tipo de satisfação em relação à voz. Talvez possamos dizer que ao deitar o analisante no divã, o olhar desvanece. Uma vez que o olhar faz uma iminente concorrência à voz em todas as oportunidades de apreensão da realidade, podemos dizer que na experiência analítica essa concorrência é evitada por meio do dispositivo analítico. Digamos que uma das condições da análise é fazer cair o olhar, é fazer a satisfação escópica se restringir à fala. Dito de outra maneira, é na dimensão da voz que se introduz o mal-entendido, o equívoco significante, mas é na dimensão do olhar que se introduz a lógica da diferença sexual, ou seja, é no campo escópico, na presentificação da falta inscrita no corpo, que todas as perdas vão ganhar a significação da castração.

A conjuntura do desencadeamento da escolha profissional da psicanálise pode ser descrita a partir do nascimento de um primo que tem como efeito relançar esse sujeito às questões sobre a diferença sexual, o enigma do gozo d'A Mulher. Busca esse saber nesta tia que engravida depois de uma certa idade. É entre seus papéis que encontra um texto de Freud – "O Ego e o Id". É desse encontro que extrai a certeza da escolha da profissão. É a psicanálise que elege como campo de saber. Essa escolha introduz uma descontinuidade na série das engenharias, profissão escolhida por seus irmãos por identificação amorosa ao pai.

Podemos dizer que a escolha pela psicanálise pode ser definida como um ato falho. Qual a enunciação que estava em jogo nesse escrito? Relendo recentemente "O Ego e o Id", tentando redescobrir o que o teria levado a fazer opção pela psicanálise, o que lhe pareceu pertinente foi o capítulo "As duas classes de pulsões". Ali o sujeito pôde vislumbrar que há algo no humano que não se padroniza, que não se distribui, que não se reduz à lógica do bem e do mal, que é o gozo. Impossível de ser repartido, de fazê-lo igual para todos. Como o campo do discurso é do gozo, a ética que rege esse campo não pode seguir a lógica da máxima kantiana. Freud faz a subversão da moral em que estava inscrito até então. A consciência é ultrapassada pelo inconsciente, não é soberana.

Uma vez concluído o curso de psicologia e estudando a psicanálise de forma não sistemática, decidiu se aproximar de uma instituição para que sua formação em psicanálise tivesse uma orientação, no sentido de um vetor. O novo analista foi escolhido a partir de um sonho: *Estava em uma festa, em uma sala de uma casa antiga, encostado em uma janela de tal forma que podia ver quem passava no corredor. Passa um analista com uma roupa brilhante, e um outro analista que*

também usa uma roupa brilhante e que está a seu lado, comenta - ele gosta de aparecer. Pensa: um torto falando de um aleijado. Escolhe o segundo analista e considera que a escolha se baseou na invídia, essa que o Outro cultivava entre o sujeito e seu irmão. Anos depois, quando percebe o equívoco, abandona esse analista e redireciona sua demanda de análise ao primeiro analista do sonho.

Na análise com o primeiro analista do sonho se dá conta do significante da transferência. Em uma aula, ainda estudante de psicologia, uma colega qualifica de incrível uma cena desumana ocorrida com um paciente em um hospital psiquiátrico. O professor pergunta: o que há de incrível nisso? Os alunos ficam indignados com a aparente desumanidade do professor, o que foi para o sujeito a condição de escolhê-lo como analista, devido a descontinuidade que ele introduz com sua questão, denunciando uma espécie de moralidade do discurso da colega.

Bem mais tarde, em outro sonho em que fica intrigado com a questão de uma roupa feita sob medida, se dá conta, a partir das associações, que o gozo escópico pára de se escrever. E o que pára de não se escrever é o escrito. O escrito é a roupa feita sob medida para o sujeito. A partir de então muda sua relação com a psicanálise, já não se trata mais de estar destinado ao fracasso. Trata-se agora da construção do saber, do escrito como uma roupa feita sob medida.

Diria que a escolha da psicanálise se deu bem cedo, na adolescência, precisamente aos quartorze anos, com o encontro com o texto de Freud – "O Ego e o Id", mas a escolha de ser analista só se deu com esse sonho, do qual resta apenas isso: o escrito é uma roupa feita sob medida, sem o Outro.

Desencadeamento do sintoma

O embaraço em que se encontra com a falta de significante para nomear o gozo feminino se manifesta na invídia, primeiramente, direcionada para seu irmão. Freud, ao tratar da sexualidade feminina, introduz na menina esse sentimento que ele denominou de *penisneid*, inveja do pênis; toda mulher padeceria dessa amargura, que pode levar uma menina a nutrir por sua mãe um rancor por não lhe ter concedido esse objeto. No *Seminário XI*, Lacan traz o exemplo de Santo Agostinho que é o da "criancinha olhando seu irmão pendurado ao seio de sua mãe, olhando-o com um olhar amargo, que o decompõe e faz nele mesmo o efeito de veneno".[4] Nesta cena não está em jogo o ciúme, para essa criança que vê; não é o seio que ela almeja, mas o que a faz empalidecer é esta imagem de completude, é a satisfação aí presente, é por supor que se tem a posse do objeto do qual ela está separada. Não podemos dizer que o que o sujeito inveja é a condição de menino de seu irmão, não é seu órgão; esse olhar amargo que vê este *menino de ouro*, tem aí uma função mortal, trata-se de um olho cheio de voracidade. Essa invídia se articula com a demanda de amor e Lacan nos diz que a demanda de amor feminina é infinita, nada a satisfaz.

É a partir de um enunciado em que está em questão o olhar, que o sujeito extrai como enunciação: *foi por sua causa* e dessa forma é remetido ao significante do mal-entendido de seu nascimento: *por causa da largatixa*. Significante equívoco que lhe impõe a se identificar com o objeto-dejeto do Outro, *larga tixa, larga lixo*.

O enunciado do Outro confere ao gozo escópico um sentido sexual, *dar-se a ver*, e é daí que extrai a resposta ao seu ser de mulher. Na adolescência, a significação que vai recobrir o gozo escópico é a de que aquela que se dá a ver para receber elogios é a prostituta, a que causa desejo no Outro dando-se a ver. É assim que delimita seu campo de realidade com uma fantasia de sedução, o apetite do olho que olha estava nesta busca constante de capturar por um instante um outro olho que olha, e se houvesse interferência da voz, pelo elogio, era tomado pelo sujeito como insulto.

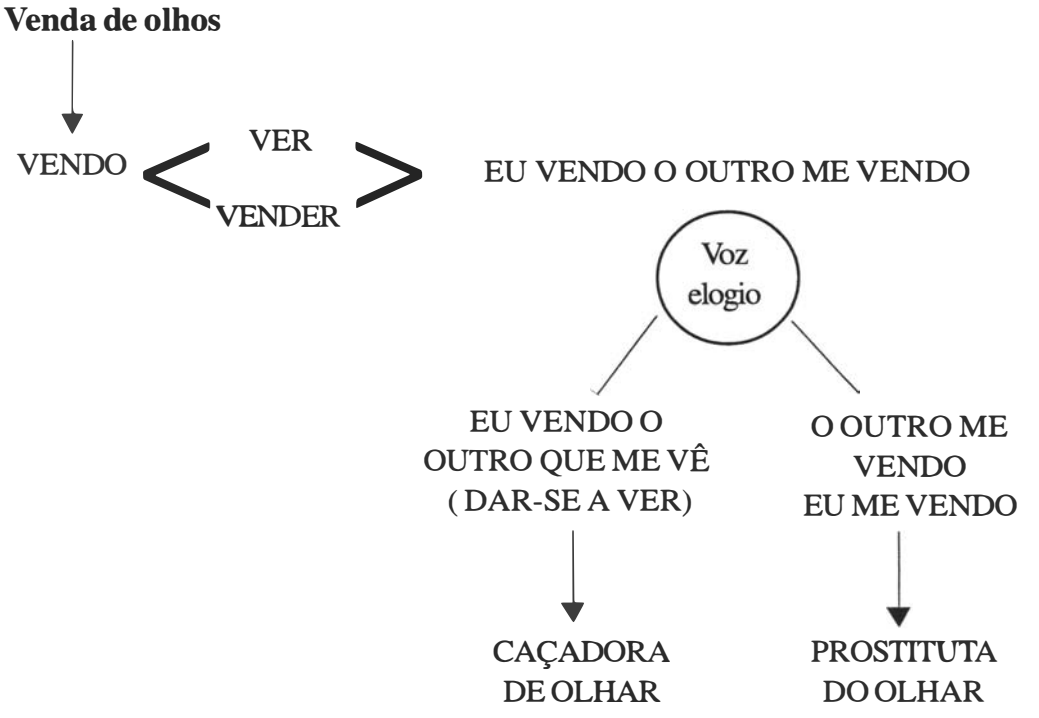
A transformação do elogio em insulto remete o sujeito a um real que é incontestável. Esse real diz respeito a essa *largatixa* que é jogada com repugnância pelo Outro. Didier-Weill toma como referência os primeiros versículos do Gênesis para dizer que todo dizer humano vem acompanhado pelo mal-dizer. Esse mal-dizer é decorrente desse fato estrutural que é S (Ⱥ), ou seja, não há esse significante para dizer do gozo do Outro sexo, para bem-dizer. No livro do Gênesis encontramos isso escrito de uma forma eloqüente que é: "O mundo só aparece através deste companheiro que é o imundo, não há terra sem caos, não há luz sem trevas".[5] O insulto se diferencia da injúria porque nomeia, remete o sujeito a um julgamento a respeito do que realmente é, desde sempre, um dejeto. É uma afirmação que nomeia essa parte forcluída do sujeito, que é sua parte maldita. Essa parte maldita se manifesta pelo mau-olhado, esse olhar cheio de veneno. O elogio denuncia um efeito de fascinação que, segundo Lacan, é a função do mau-olhado cujo efeito é matar a vida, e que remete esse sujeito ao discurso familiar "*tirem essa criança daqui, não posso achá-la bonita*", referindo-se a uma mulher cujo olho é dotado de poderes, de fazer secar a pimenteira, de provocar doença, má sorte.

O conceito de sintoma, em Freud, sofre uma modificação a partir de 1926. É nesse texto Inibição, Sintoma e Angústia[6] que o sintoma será definido como uma satisfação substitutiva da pulsão. A conseqüência disso é que ele desloca o sentido do sintoma do simbólico ao real, ou seja, há no sintoma um ponto irredutível, o sintoma guarda um sentido no real impossível de ser alcançado. Não seria, portanto, uma metáfora no sentido de uma formação de compromisso em que estaria em jogo a substituição de um significante recalcado. A conseqüência que extraímos dessa elaboração é que não se acaba com o sintoma, ele é "um modo de gozar do inconsciente tal como o inconsciente o determina".[7] O que possibilita formulá-lo assim é o conceito *d'alíngua*, isto é, a dimensão do significante como causa de gozo. O sintoma, portanto, é a incidência do significante no corpo causando gozo.

A incidência do significante no corpo desse sujeito afeta o corpo de tal forma que as crises de *espi(rr)ar* só cessam se dormir (ficar de olhos fechados, olhos que não vêem, venda de olhos). É a satisfação da pulsão escópica determinada pelo

significante *espi(rr)ar*.

Da *la (r) gatixa* ao *espi(rr)* ar se produz a seguinte significação:



Referências Bibliográficas

[1] LACAN, J. Seminário XXIV - *L'insu-Qui-sait de L'une-bévue S'aile à Mourre*.Inédito

[2] _____ . *L'Étourdit*. Texto inédito.

[3] _____ . *Seminário XIV - Lógica da Fantasia*. Aula de 1º de fevereiro de 1967. Inédito.

[4] _____ . *O seminário* - livro XI - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973, p.112.

[5] DIDIER-WEILL, A. *Os três tempos da lei*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.87.

[6] FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XX.

[7] LACAN, J. *O seminário*. livro XXII – RSI . Aula 18 de fevereiro de 1975. Inédito.